





SUMÁRIO

Imagem da capa: Portugal e a vulgarização da datação do ano pelo modo corrente, p. 11
João Alves Dias

ESTUDOS

As capelas do rei D. Dinis, p. 15
Saul António Gomes

MONUMENTA HISTORICA

Inês Olaia, Sandra M. G. Pinto, Diana Martins, Pedro Pinto, Carlos Silva Moura, Ana Pereira Ferreira, Duarte de Babo Marinho, Maria Teresa Morujão Novais de Oliveira, Ricardo Seabra, João Pedro Vieira, Roberto Fiorentini, João Costa, Miguel Rodrigues Lourenço, Leonor Dias Garcia, Miguel Portela, André Caracol Teixeira

Demarcação dos termos de Aguiar da Beira e Sernancelhe (1266), p. 51

Instrumento de sentença dado pelos almotacés de Leiria sobre as águas de uns moinhos (1286), p. 53

Apresentação de propriedades em Gradiz (1288), p. 55

Sentença de contenda entre o mosteiro de São João de Tarouca e o concelho de Aguiar sobre herdamentos disputados por ambos (1289), p. 57

Transcrições e resumos seiscentistas de fragmentos originais da chancelaria de D. Afonso IV, entretanto desaparecidos (1325-1327), p. 59

Correição de Pero Domingues em Castro Marim sobre a eleição de um procurador e escrivão da câmara (1343), p. 73

Inventário dos bens de João Freire (1377), p. 77

Demarcação dos termos dos concelhos de Manteigas e Gouveia (1387-1484), p. 81

Sentença da rainha D. Filipa sobre as obras da muralha de Alenquer (1405), p. 85

Inventário dos bens que ficaram por falecimento de Vasco Martins da Cunha, senhor de Tábua (1407), p. 89

Carta de aquantamento de Diogo Álvares (1409), p. 95

Instrumento de protesto do prior de Santa Cruz de Coimbra (1436), p. 97

Carta do infante D. Pedro para D. Álvaro, conde de Barcelos, sobre a libertação do infante D. Fernando (1440), p. 99

Traslado de carta de D. Afonso V à câmara do Porto com resposta a agravos (1448), p. 101

Carta de D. Afonso V à câmara de Bragança, notificando-lhes a cedência do governo do reino feita pelo infante D. Pedro (1448), p. 105

Traslado de carta de D. Afonso V com a resposta a agravos enviados à corte pela câmara de Loulé (1448), p. 109

Carta de D. Afonso V aos oficiais da câmara da cidade de Évora sobre os procuradores enviados à corte (1448), p. 113

Carta de D. Afonso V aos oficiais da câmara da cidade de Évora respondendo a um capítulo apresentado (1448), p. 115

Carta de D. Afonso V aos oficiais da câmara da cidade de Évora respondendo a vários capítulos apresentados (1449), p. 117

Carta consolatória para Isabel de Urgel [1455-1469], p. 121

Instrumento de nomeação de terceira pessoa em emprazamento de casas que o mosteiro de S. Vicente de Fora tem na judiaria de Alfama (1462), p. 125

Alvará de D. Afonso V para D. Fernando, conde de Guimarães, sobre o título de marquês (1463), p. 129

Carta de instrução de D. Afonso V a D. João Fernandes da Silveira em Castela (1465), p. 131

Carta de D. Afonso V para D. Fernando, conde de Guimarães (1466), p. 135

Carta do duque de Bragança a D. Afonso V sobre o casamento da Excelente Senhora (1467), p. 137

Carta de instrução do conde D. Álvaro a João de Porras (1468), p. 139

Carta do duque de Bragança a D. Afonso V sobre a ida de Castela (1468), p. 141

Traslado de carta de D. Afonso V à câmara do Porto com resposta a agravos apresentados em 1449 (1469), p. 145

Carta de D. Afonso V para D. Fernando, conde de Guimarães (1470), p. 151

Capitulações dos reis de Castela para o contrato de casamento de D. Afonso V [1470-1472], p. 153

Carta de Fernão de Pulgar ao rei D. Afonso V sobre a entrada deste em Castela [1474-1475], p. 157

Carta de Vasco Queimado ao príncipe D. João [1477-1478], p. 161

Indemnização paga por João da Silva a Garcia Ferreira por derrubar moinhos na Ribeira de Ulme (1479), p. 163

Regimento de D. Afonso V a Fernão de Valadares sobre o que haveria de fazer em Lisboa (1480), p. 165

Carta de D. Martinho de Ataíde, conde de Atouguia, ao duque de Bragança [1482-1483], p. 167

Oração de Lopo da Fonseca a D. João II aquando da sua entrada em Lisboa [1484-1485], p. 169

Carta de D. João II a Fernão de Valadares sobre a guerra em África (1488), p. 171

Carta de D. João II a Fernão de Valadares sobre o cerco da Graciosa (1489), p. 173

Carta de D. João II à câmara de Évora sobre o cerco da fortaleza da Graciosa (1489), p. 175

Segunda carta de D. João II a Fernão de Valadares sobre o cerco da Graciosa (1489), p. 177

Carta de conversão de Afonso Rodrigues (1492), p. 179

Carta de D. Manuel I a D. Álvaro de Portugal sobre o seu casamento com D. Isabel (1496), p. 181

Carta do porteiro dos contos de Alenquer a D. Manuel [1496-1514], p. 183

Carta de D. Manuel I a D. Álvaro de Portugal sobre o seu casamento com D. Isabel (1497), p. 185

Segunda carta de D. Manuel I a D. Álvaro de Portugal sobre o seu casamento com D. Isabel (1497), p. 187

Instrumento de protesto do convento de Nossa Senhora de Graça de Lisboa sobre o lugar que deveriam ocupar numa procissão (1498), p. 189

Carta de D. Manuel I a D. Isabel, a católica, sobre a expulsão dos hereges (1498), p. 191

Carta do duque de Bragança ao rei Fernando de pêsames pela morte de D. Isabel de Portugal (1498), p. 193

Carta da rainha D. Leonor aos reis católicos de pêsames pela morte de D. Isabel de Portugal (1498), p. 195

Carta de D. Manuel I ao secretário dos reis católicos sobre a compra de prata para a armada da Índia (1499), p. 197

Carta da câmara de Lisboa à câmara de Évora sobre a partida do rei para África (1500), p. 199

Segunda carta da câmara de Lisboa à câmara de Évora sobre a partida do rei D. Manuel I para África (1500), p. 201

Carta de Rui de Sande a D. Manuel I sobre o seu casamento com Maria de Aragão (1500), p. 203

Arrematação de casas em Miragaia por Lopo Rebelo (1501), p. 207

Tombo dos bens das capelas de D. Pedro de Meneses e de sua filha D. Leonor de Meneses, instituídas no mosteiro de Santo Agostinho da vila de Santarém (1506), p. 211

Tombo dos bens do concelho de Beja (1509-[1541]), p. 295

Mantimento atribuído no casamento aos servidores da casa real, cavaleiros e escudeiros (séc. XVI), p. 307

Recibo do almoxarife do armazém de Goa relativo à entrega de certas armas (1523), p. 311

Carta do marquês de Vila Real a D. João III sobre a entrada de Carlos V em Sevilha (1526), p. 313

Carta do marquês de Vila Real a D. João III sobre o casamento de Carlos V com D. Isabel (1526), p. 315

Carta do marquês de Vila Real a D. João III sobre o baptismo do príncipe D. Afonso (1526), p. 323

Carta do marquês de Vila Real a D. João III sobre o imperador Carlos V (1526), p. 325

Carta do marquês de Vila Real ao imperador Carlos V (1528), p. 327

Lembrança do terramoto que houve em Portugal (1531), p. 329

Descrição da orla costeira de Portugal por Gonçalo de Oliveira (1532), p. 331

Carta do marquês de Vila Real a Thomas Cromwell intercedendo por um seu apaniguado (1534), p. 335

Mandado de Bartolomeu de Paiva relativo à encadernação das crónicas que andavam na guarda-roupa do rei (1534), p. 337

Lettera di anonimo a papa Paolo III Farnese in Roma [1534-1540], p. 339

Relazione in merito ai cristiani nuovi di Portogallo [1534-1549], p. 343

Carta de procuração do marquês de Vila Real ao conde da Castanheira para jurar por ele o príncipe D. Manuel como herdeiro do rei (1535), p. 347

Apontamentos de António Carneiro sobre a morte do rei D. Manuel I [c. 1537], p. 349

Carta de Miguel de Sousa a Nuno de Sousa sobre a cheia que ocorrera em Lisboa (1539), p. 351

Carta de D. João III autorizando que João Rodrigues de Sá de Meneses obrigasse certas casas na Rua Nova (1541), p. 353

Relazione in merito ai cristiani nuovi di Portogallo [1545], p. 355

Rol da gente cortesã em Almeirim (1545), p. 359

Carta de D. João III de perdão a Manuel Varela, que trouxera cartas do rei do Congo (1550), p. 371

Carta de Baltasar Colaço Soeiro sobre a trasladação das ossadas do rei D. Manuel I (1551), p. 373

Apontamentos das perguntas a fazer no caso do levantamento popular que julgou em estátua o feitor da alfândega de Viana em imitação dos procedimentos inquisitoriais (1552), p. 381

Relato da entrada em Portugal da princesa D. Joana por ocasião do seu casamento com o príncipe D. João (1552), p. 385

Relato da entrada da princesa D. Joana em Portugal [1552], p. 391

Relato da morte do príncipe D. João, filho de D. João III [1554], p. 395

Carta de Filipe Fialho sobre Diogo de Sá e sua família (1554), p. 397

Relato do regresso a Castela da princesa D. Joana, viúva do príncipe D. João [1554], p. 399

Lista das pessoas que pedem comendas [1557], p. 401

Lista das pessoas que pedem remuneração pelos seus serviços à coroa [1557], p. 405

Relato da viagem da infanta D. Maria, filha de D. Manuel I, até Badajoz, onde se encontrou com a sua mãe e tia [c. 1558], p. 413

Testamento de Aleixo de Sousa Chichorro (1560), p. 417

Carta de Álvaro Mendes para o rei de Portugal sobre o comércio da Índia [c. 1568-1569], p. 425

Carta sobre a expedição de Francisco Barreto ao Monomotapa [1569], p. 429

Carta a D. Sebastião sobre o comércio da Índia [c. 1570], p. 433

Carta de D. Francisco Mascarenhas armando cavaleiro a Francisco Rodrigues pelos seus serviços em Chaul e Baçaim (1571), p. 437

Traslado do contrato que o governador da Índia fez com a cidade de Goa para acudir a Malaca (1575), p. 441

Processo contra António Achis, criado de António Ribeiro, solicitador da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (1577), p. 445

Carta de D. Diogo de Meneses a Pero de Mendonça Furtado, capitão de Chaul (1578), p. 449

Segunda carta de D. Diogo de Meneses a Pero de Mendonça Furtado, capitão de Chaul (1578), p. 453

Testamento de Duarte de Castro do Rio (1582), p. 455

Memorial anónimo de queixas contra Matias de Albuquerque, vice-rei da Índia (c. 1593), p. 463

Carta de Gaspar Leite da Fonseca a Gaspar de Melo de Sampaio enviando certidão dos seus serviços em Pate, Melinde, Queixome, Chaul e Cananor (1621), p. 469

Alvará em favor de João Delgado Figueira, inquisidor de Goa (1626), p. 487

Descrição da fortaleza de Malaca por D. Gonçalo da Silva, bispo de Malaca [1627], p. 489

Carta de Fernão de Cron a Domingos de Moura sobre o envio do corpo do defunto Garcia de Melo de Madrid para Lisboa (1632), p. 493

Certidão de Sebastião Godinho Gonçalves sobre o que se passara a bordo do navio que ia para Macaçar (1642), p. 495

Medição e demarcação do reguengo de Azurara, termo da cidade do Porto (1648), p. 497

Carta do inquisidor Jerónimo Soares sobre a suspensão do Tribunal do Santo Ofício (1675), p. 501

Carta de alforria concedida por Paulo Freme da Silva ao seu escravo João (1686), p. 507

Devassa sobre o procedimento de António Machado de Brito no estreito de Ormuz (1693), p. 509

Testamento de Manuel Vaz Perestrelo, secretário da Inquisição de Évora (1692), p. 541

Contrato que fez a Santa Casa da Misericórdia de Maiorga com o capitão João Luís Pereira para a construção de uma casa para albergar passageiros (1718), p. 545

Carta do conde da Ericeira a D. Luís da Cunha dando-lhe notícias da Ásia (1742), p. 549

Testamento do pintor José Gonçalves Soares (1750), p. 553

Breve do papa Bento XIV que atribui privilégios especiais à biblioteca do convento de Mafra (1754), p. 557

Contrato e obrigação que fez António Joaquim de Freitas para executar a obra da capela-mor, sacristia e casa da residência do pároco de Souselas (1756), p. 563

Escritura de fiança de José Luís de Sousa para ser assistente no correio de Carvalhos (Porto de Mós) (1818), p. 569

Escritura de uma sociedade com vista à instalação de uma fábrica de sabão em Alcobaça (1879), p. 571

LISBOA
2018

MEMORIAL ANÓNIMO DE QUEIXAS CONTRA MATIAS DE ALBUQUERQUE, VICE-REI DA ÍNDIA (c. 1593)

Transcrição de Pedro Pinto
CEH – UNL; CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Resumo

[1593, post., Goa]

Memorial anónimo de queixas contra Matias de Albuquerque, Vice-rei da Índia, no final do seu termo de governo.

Abstract

[after 1593, Goa]

Anonymous memorial of complaints against Matias de Albuquerque, Viceroy of India, towards the end of his term of office.

Lisboa, Torre do Tombo, Manuscritos da Livraria, 1112, f. 87-89v.

© *Fragmenta Historica* 6 (2018), (463-468). Reservados todos os direitos. ISSN 1647-6344

¹Documento

Senhor

Eu sou afligida lndia guouernada de hum tyrano, a quem nem o seracusano dionissy na maldade chegou, uenho por não achar Em Mim la quem me ualha Botar me aos pees de *Vossa Merce* disfrasada esta Carta por Não ter de ho poder fazer outro Milhor meyo pera que Me ousa E uera como sou tratada, porque se he posiuel minhas couzas Poderem ter Remedio, das mãos de *Vossa Merce* so me pode uir E sem *nem* nelas ho achardes Cansarey e per que meus trabalhos Me acabarão, sedo então nem auera quem Mos de nem eu cantarey Ningem pera que hos aya de Remediar, Bem sey Pello mal que sempre uy acodir a tudo, que O mais serto sera acabar, e que ha de montar pouquo (e por não Morrer com a maguoa de não deixar Dito algumas das muitas sem Rezois com que sou tratada) o fasso E monte o que Montar que a mim ya me não pode montar pouquo a satisfação de não faltar da minha parte No pedir RemDyo a minhas couzas as que Matias d albuquerque com seu Poder me fas sam as seguintes

A primeira he tratar todas as Minhas Couzas com toda a desumanidade posiuel porque nem pera as de deos Nem pera as do rrey nem pera as do meu pouo, tem nenhuma humanidade No seruisso de deos, tudo são Ipocresias de *Sua Magestade* Imuensois, artifissios, e no do pouo Cruezas e sem Rezois Numqua Vistas.

Perguntem A matias d albuquerque Vizo rrey que Me oye Guouerna Porque não trata o seruigo de *Sua magestade* com lhaneza, e uerdade, E se diser que as sertidois que leua O mostrarão, Bem podem Não lhe ualerem porque todas lhe forão pasadas a forssa e de muitas se Retratarão ya os mesmos que lhas Pasarão do que se pode uer que tais serão as mais

Perguntem lhe Mais porque afrontou Antonio giralte Veador Da fazenda geral da lndia de *Sua magestade* a que a uista De muitos fidalguos ylustres chegou a meter no gamote da sua manchua E lhe dar des pescosadas se[m] Cauza nem Rezão alguma que pera isso tiuese

Perguntem lhe Mais a que teue pera dizer a *Manuel* de mideyros, Veador da fazenda de cochim, e que serue *Sua magestade* com Zelo, estranho que era muito pouzão E que seria Bom Não O ser, por que lhe não uiesse a Meter souelas pollo trazeyro

E perguntem lhe ha que teue pera que por Muitas Vezes Puzese o sacretario deste estado em termos de não querer servir o Carguo e de se acolher aos padres De sam paulo e uerão que não foi outra Mais que a das afrontas que lhe fazia

perguntem lhe Porque persege o chansarel De *Sua Magestade*, e uerão que não Da outra mais que a de lhe duuidar suas Prouizois que elle contra / [f. 87v] Regimento Pasa E ha de fazer seu ofisio Como deue ao seruisso de *Sua Magestade*

Perguntem lhe Mais porque publicamente afronta Na Rolasão os desembargadores chamando lhe nomes uis e torpes e uerão que a Rezão Diso he so por *querem* fazer lustisa o que lhe enpede as mais das uezes.

Perguntem lhe Porque auexa persege e Maltrata Aos fidalguos e uerão que Diz faze lo por se uingar com as armas Reais do que lhe fizerão Em outro tenpo quando se elle Deles Não pode satisfazer

perguntem lhe O por que esta enemistado com todo homem Não auendo De pequeno a grande diferença E dira porque em geral não ha Nenhum, a quem Não tenha tocado Na omrra, fazenda e quando mais não pode no guosto Do que se não pode Retirar porque so esse he o seu

pergunten lhe Porque contra Pareser da Rolasão tirou seilão a Mateus pereira de sampayo sendo poruido dele por *Sua magestade* por ho dar por ho dar [sic] a cosmo de lafetta que ho não era

¹ Os critérios de transcrição adoptados são os da Universidade Nova de Lisboa, sugeridos em João José Alves Dias et al., *Álbum de Paleografia*, Lisboa, Estampa, 1987

perguntem lhe Porque não deixou l'r entrar a dom dioguo lobo em Malaqua senão depois de *pero* lopez acabar por sima de se dar por *sentença* na Rolasão que elle fosse loguo antes que *pero* lopez acabasse

Perguntem lhe Porque tirou A *antonio* Guodinho a Costa De Melinde Pola dar a mateus mendes Contra *sentença* da Rolasão e uer se ha que não Da outra senão que tinha Roupa pera Mandar resgatar o ambre que nela Deu E que o não podia fazer senão por ele

Perguntem lhe Porque de poder absoluto Mandou tirar Do tronquo a *hum* soldado Per Nome antonyo calado que nelle Estaua, por caussos exorbitantes E de morte e depois de a Rolasão pernumsiar que nem sobre fiamça Podia ser solto, e quando Muito Diser, dira, fi lo porque tinha *peitas*, por Não guardar Justisa

Perguntem lhe Porque defendendo Ho ano de .92. que Nenhuma embarcação fosse a pegu Nem aynda o prouido Na sua Nao a fazer a uiagen (De que lhe *Sua Magestade* fez *Merce*) Mandou elle hum Criado seu com *hum*a que lhe montou trinta ou quorenta mil xarafins o rretorno dela, e dira, fi llo *Senhor* que estes sam milhor *pera* mym que *pera* outrem Posto que eu la tenho Remedio e elles não

Perguntem lhe Porque mandou Em abril de .93. *hum*a Nao a china Por sua conta com o nome de loão *monteiro* Respondente e dira que o fez porque lhe não parte das com que este estado tem comersio a que não Mandase Nem couza que não atrauesase ainda *que* fosse a custa De tirar a capa aos *homens*

perguntem lhe Porque fichou canbaya aos purtugezes *quando* elle *pera* Mandar a ela atrauesa todas as fazendas que auia En guoa as quais (que forão Marfim loias, seda e *algumas* drogas) Embarcou em hum taurim que *man*Dou por sua Conta embusado com O Nome de legi E a fazenda Daqui lá com presso feito e por que fosse Mais segura mandou *hum*a gale e quatro fustas que fossem Meter em canbaya ho taurim

perguntem lhe Porque não Deixa nem Da lugar aos *homens* *pera* que posão Enpregar o seu na pedrarya que todos hos anos Custuma uir a esta sidade / [f. 88] E ouuir lhe ão dizer porque O quero tomar todo *Pera* Mym, so, como ho ia tometry os anos atraz

Perguntem lhe Mais Porque tem em dio ministros que lhe tomem Por sua conta toda a Boa pesa que de qualquer *parte* uem aquella alfandega e dira porque Me paresem Bem *pera* Me em portugual Limar com elas

Perguntem lhe Porque faz aqui os descontos de seus ordedenados [*sic*] *pera* se mandar pagar deles em urmus E dira por<*que*> quero ganhar nisso a quinze dezasseis porsento *pera* o que me da pouco de prouizois de sua *magestade* que ho defendem porque *pera* mim não ha leis que não quebre *pera* imtarese propio nem Nenhuma que Não guarde *pera* mal alheo

Perguntem lhe porque não uay o *dinheiro* d el Rey a caza De seus ofisiães e dira *que* quero tratar com ele como o fasso e pois não ey de tornar qua quero me aproueitar desta Ves que Mais me deue el Rei do que lhe tomo e posto que *tambem* aqui de os meus sincoenta Mil pardaos a rresponder em Reales E em todas as mais partes com que este estado tem comersio tenho *muita* Copia deles *pera* mais e el rrey, eu *pera* lhos furtar, ou me ayudar Delles

Perguntem lhe porque deixou de fazer o Contrato do cobre que *Manuel* de souza tinha feito em que el rrey por se não fazer perdeo e perde, trinta mil pa[r]daos alem De doze mil de Reales que elle mandou ha China *pera* suas mercansias que depois de perdidos Botou as costas d el rrey Dizendo hião por sua conta a buscar cobre, ao do *contrario*, dira Não o fiz por não segir no bem a ningem e porque el Rey não tenha o que lhe eu não posso tomar E aos Reales milhor he perde los elle que Eu

Item Perguntem a Matias D albuquerque Porque quebra as prouizois De *Sua magestade* como ho fez aquega [*sic*] esta, *pera* os uiso rreis Não darem Nada aos Capitães e capitão Mor, que dese *Reino* uierem aos das naos fez *Merce* mãodando fazer as prouizois em nome d outrem ao Capitão Mor dom luis, alem de lhe tomar *hum*a soma de pipas de Vinho, por sinquo ou seis mil pardaos Mais do que ualião e lhe pagar outros tamtos de papeis uelhos, lhe mandou fazer *Merce* por prouizão em nome d outrem De dous mil em *dinheiro* o que lhe deu por emcubrir la esta E outras uerdades como as aqui aponto e Não pode ser menos per que não Dando a nenhuns dos meus (E dos que me qua seruem Nada) lhe deu a elle tamto

Item perguntem lhe Mais Porque quis Por a chaul No estado em que esta e porque não ha quem se tenha a Reales E apais [*sic*] de prata E como eu dos quintos Esperaua alguns deu me pouquo de Reter o *dinheiro*, que se tirou Da Nao do melique Não o podendo fazer Em lley humana Nem diuina E menos de mandar aos cazados de chaul que pagasem os foros que lhe deuão e por lhe dar Mais oCazião de me fazer a gerra, negei lhe Muitos dos cartazes que me pedio E as naos *primeiro* que lhos dey que desem dobradas fianças por uer se Com esta Nouidade O podia Estomagar e pera ho hobrigar Mais a isso Mão-Dey hum Criado Meu que na carga das naos armase com os feitores Do melique E os afrontase E a seu Amo de mestura com eles O que elle fez que azedou o melique de maneira que estando hum enbaixador seu la embarcado o mandou tornar E a seus capitães sobre chaul aomde no morro estão fazendo huma fortaleza que ia tem a[...]

[*Item*] Perguntem lhe hos Proueytos que Com isto Deu a el Rey e aos homens E dira o dos homens foy destrui los em geral aos de chaul e Basaim E o de *Sua* magestade Perder alfandega E mais Rindimentos daquela fortaleza E os foros das aldeas De basaim

Item Perguntem lhe Porque Não aCodio a euitar isto E dira em Mayo o quis / [f. 88v] fazer Porque Não podia E aguora em aguosto o não fasso Porque posso, da *primeira* ues enganey o Rey e hos homens com o tenpo E da segunda os dezemgano de que Não quero Morrer nem gastar o pouquo que me d el Rey fica, porque não terej com quem tratar se ho fizer

Perguntem lhe porque proueo hos trabalhos de chaul com cosmo de lafeta mais potrozo que Ruy *gonçaluez* e mais enfermo que ho propio espirital *quando* tinha em guoa fidalguos De mais calidade e de mor entendimento e de mais anos, curso, expiriênça de gerra e tam difirente delle pera isto como do seo a terra, e dira que como cosmo Andaua senpre Mal sintido e por este Respeito não podia fazer cousa alguma que he o que elle queria o fez

Perguntem lhe Mais porque Não aCode a seilão e dira Por não deixar chaul, e porque não his a chaul, por não deixar seilão e me pareser este Bom meyo pera se perder tudo e mais porque ha la tizouro que ho não quero dar a outrem Pois que pera mim o não posso tomar

Perguntem lhe porque este setenbro de .93. Não Mandou a Malaca alguma couza e dira porque estaua la o dachem com quatosentas uelas e querer se elle, uoltou as bandeyras contra ela que se perqa Mais depresa porque como em abril lhe forão Nouas que ficauamos em gerra a uerão os de malaqa como la não for Recado que ho de qa he acabado E asy se comsomyrão elles mais depresa

perguntem lhe Porque Mandou que deixasem pasar pera meca hum capitão do moguor chamado agisquoqa, e dira se uay por uontade de seu amo, he couza marauilhoza pera se este estado acabar loguo com as gales que Do estreito podera trazer pera a fabrica das quais lhe deixei levar quinze uinte contos d ouro de que não quis lansar mão por que se *Sua* magestade não seruise delle e se poruentura este capitão uay contra uontade do Moguor tanbem he boa ocazião a de lhe levar o seu *dinheiro*, pera ho estamagar E obrigar a fazer gerra a este estado e por sima disto derão me a min tanto que me fez prender o Respeito a tudo

perguntem lhe mais se esperais que damão e basaim tenham serquo Porque os não proueis d ar-telharia, polluora e pelouros e as mais Monisois neserias, dira porque fazer isso era Remediar trabalhos E eu Não quero senão da los a tudo

Perguntem lhe se o tenpo de todas As partes uos ameasa porque não emcheis os almazens de guoa d armas, lansas espingardas poluora pilouros artelharia e mais monisois e petrechos neserarios E os dos mantimentos de *muitos* E dira se eu fui cauza de tudo, E o cauey a forsa pera que me ey d aparelhar, o foguo quizera Eu por o pouquo <que ha pera> que houuese menos que fazer em satisfaser Meu dezejo

perguntem lhe se espera que agisquoqa Posa uoltar com gales Porque não faz *muitas* E muitos galiões pera o ir demandar com elles, E dira se meus olhos isso uysem de festa não de gerra ho auia de ir Busqar

perguntem lhe porque não faz almazens dos hos [*sic*] homens sabendo que faltando tudo auendo os não faltara nada e porque isso não serue dos que prestão dira porque o que esta acabado não o quero Restaurar

perguntem lhe porque faz capitão Mor do malauar a dom leronimo d azeuedo filho de hum cle-
rigo Bosal e nessyo, E com Morte de tres E a de sua molher as costas de que ainda não esta liure e dira
por isso e por me dizer segredos de couzas do guouernador, E por em fim me não seruir de quem Presto

Perguntem lhe Porque Mandou Por capitão Mor ao norte com huma galle e quatro / [f. 89] A dom
lorje de castelo Branquo Moso Mistisso e mal aCustumado, e dira fi lo porque como nesta costa hera
Nesaryo huma armada potente e hum homem de muita espiensia e entendimento pera aCudir aos
trabalhos que se sey ão de sobreuir nella (que eu como tudo o mais dezeyo acabada Pareseo me bom
termo este pera por em ifeito meu dezeyo

Perguntem lhe tanbem porque trouxe ate guora No malauar Com huma armada [ui]nha outro
moso Mistisso, chamado dioguo de miranda e dira porque quis que no mar como na tera ouuese tanbem
homeziados E asy ho andou, esta fogindo a cada passo dos paros estando o mais Do tenpo metida nos
Rios com temor deles.

perguntem lhe porque da os nauios a soldados pobres que não tem que Gastar nelles e dira por
que se desarmem Mais depresa E asim se acabe tudo

perguntem lhe mais porque os da a meninos Mestisos que nunca uir[ão] gerra E dira porque se
ouuer ocazião de peleyiar o não fasam Porque Eu não uim qa fazer gerra aos imigos deste estado senão
aos proprios E naturais de caza

perguntem lhe porque Não da os nauios a fidalguos omrrados E que la po[r] muitas uezes tem
seruido Neles E dira porque a huns tenho ma uonta[de] por ² seu Respeito propio E a outras por Respeito
de seus parentes e ya que me não posso satisfazer noutra forma satisfaso me nesta

perguntem lhe Porque faz armadas sem lente e dira Porque gasto que d[e]uia de fazer com ellas
quero que me fique na mão pera o que me he nesary[o] dar despesas e por este Respeito fasso armadas
tantas, E se lhe pergun[tam] porque não proue nisto Diz ³ porque qer desacreditar este estado, e tirar lhe
este ueo do credito com que tantos anos ha que se sustenta, emfim, po[r]que o faz por afrontar tanbem
el rrey que nem elle lhe escape

perguntem lhe Porque aseita mal, scandaliza E afronta os que lhe fazem algumas Lembransas
Do que cunpre ao seruissio De sua magestade e dira porque pera ho aproueitar não quero que Me fação
Nenhuma e pera o deitar a perder eu so abasto.

perguntem lhe la que faz conselhos porque não faz o que se neles asenta e não ho co[n]trairo
Do que se neles uota, E dira Eu não ho fasso mais que pera me desenfadar em os ouuir uotar e não com
tensão de fazer nada (imda que seya ase[r]tado) porque pelo mesmo cazo o não farey como o não fiz
porque ho era Mandar embaixadores ao idalcão e o meliqe como no conselho se asemtou e quando com
elles podia impedir os trabalhos em que aguora Com muito Guosto Meu tenho este estado ho ey de fazer
quando la com os mandar os não poder Remediar

perguntem lhe Porque mete No conselho dos quatro com hum fidalguo Omrrado como antonyo
d azeuedo, a hum Bebado, a hum uilão, a hum filho de hum aBade, nessyo e paruo, e dira porque tudo
o que se nele tratar E asentar sera conforme aos tais porque asim ficara sendo a meu umor e porque em
nada me uão contra elle nem Me emcaminhem No seruissio de sua magestade me não siruo Nem ey de
seruir emquanto guouernar, de andre furtado Pe[dro?] Mendonça Nem de fadriqe carneyro nem de dom
francisco Mazcarenhas nem de dom Diogo coutinho

Item Perguntem A matias d albuquerque Porque faz tudo ao Reues do que lhe acomelhão e dizem,
e dira que por Não asertar em nada e errar en tudo E to<r>nar este estado Aos que o primeyro Pesoiram
/ [f. 89v]

² Riscado: "que".

³ Riscado: "porque".



Perguntem a este tirano porque se não contenta com Me fazer todos Es[t]es malles sem querer por o sello neles Com dizer com dizer [sic] que ainda que se perqa tudo se não ha de servir de sertos homens Posto que com isso me ouuesse de Rymir de todos

Diz mais matias d albuquerque que as mentiras de hum Vizo rrey tem mais forssa com *Sua mages-tade* que a uerdade de todo hum pouo se asim he la me peza das que aqui tenho Relatado; mas não me arrependo; pera Remedio de todas estas Couzas, duas Sos quero, a primeira que [ne]ste tirano se fasa hum exenplar castiguo; e a segunda que se metese huma prouizão pera se auer de tirar Rezidencia a todos os que daqui por diante me Ouuerem De uir Guouernar, a qual De huma par[te] ha de uir asinada com Rey por que se entenda que aos bons fara [*Mercês*] e da outra Com hum Cutelo, por que se saiba que aos Maos Cortara a Cabessa

A mizera India





CENTRO DE
ESTUDOS
HISTÓRICOS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA